



Mais da metade das crianças não tem 18 anos. E poucos têm assistência

Uma luta particular: a dos menores

MARCOS AGÉ DE SOUZA

Da editoria de cidade

Erivaldo Nunes, 12 anos; Claudionor Cesar da Silva, 9; Maurício "Pingo" e Rivaldo Augusto Correa, o Vavá, ambos de 11 anos, irmãos porém filhos de pais diferentes. Eles são quatro dos milhares de menores que diariamente embarcam nos quase 200 coletivos que todas as manhãs transportam pelo menos 50 mil pessoas ao Plano Piloto. Partem da Ceilândia a mais nova e populosa cidade satélite do Distrito Federal e a área de maior concentração urbana do país. Com pouco mais de 35 km quadrados, comporta atualmente cerca de 400 mil habitantes (os dados oficiais indicam existirem 360 mil, mas fontes da Administração da cidade admitem que esse número é irreal e explicam: no levantamento feito em 1980 tomou-se como referência uma média de 6 pessoas por residência, quando, de fato, a média se aproxima do dobro disso).

Os quatro menores são engraxates e trabalham no Plano Piloto, onde passam o dia em busca de trocados, numa disputada concorrência que inclui também outras crianças vendedoras de balas, mas que em nada se assemelha à desleal concorrência com os adultos, com quem disputam a vaga nos primeiros coletivos a deixarem o terminal com destino a Brasília às 5h. Os adultos, por seu lado, também têm como rotina a ida matinal para o trabalho na Capital e por isso apontam aos fiscais das empresas de transporte os "engraxates", garantindo com isso seu lugar nos ônibus, que partem lotados.

Quanto mais rigorosa a repressão contra a saída dos menores da cidade todas as manhãs, que os fiscais desempenham com certa energia, procurando evitar sua ida ao Plano Piloto, onde ou são vistos como delinquentes ou pelo menos comprometerão a imagem da capital, ao perambularem, ves-

tidos em trapos, pelo Setor Comercial Sul, Estação Rodoviária ou quadra comerciais, à cata de cidadãos bem vestidos porém de sapatos sujos, mais artimanhas são inventadas entre eles para burlar a fiscalização - auxiliada por policiais da Delegacia Local, a 15ª DP. Reunidos em grupos de quatro ou cinco, ao pressentirem dificuldades no embarque no terminal da Ceilândia, eles aparecem no local sem o material de trabalho denunciador - a caixa de engraxate ou um tabuleiro com chocolate e balas - mas, alguns quilômetros depois, já à saída da cidade, um dos membros do grupo embarca de uma só vez os equipamentos de todos.

Essa estratégia, entretanto, já está sendo "manjada" pelos fiscais, segundo Vavá, que sabe de alguns deles que percorrem todo o trajeto entre a Ceilândia e o Plano Piloto, planejando surpresas. Por isso, o grupo já estuda uma forma de deixar os equipamentos no Plano, onde um dos membros pernoitaria, revezando-se depois, para vigiar o local. Eles também temem os ladrões de caixas de engraxate, um tipo para eles ameaçador mas que a polícia desconhece. A mãe de Vavá e Pingo não se incomoda que passem a noite fora, segundo informam. Ela só exige que não passem mais de dois dias na rua.

Em pouco menos de 1 hora se chega à Estação Rodoviária de Brasília. Com os engraxates e vendedores de bala, desembarcam também homens e mulheres que trabalham o dia no PP e retornam à noite para casa. A maioria é de empregados na construção civil, porteiros de blocos, empregadas domésticas. Mas, há também comerciantes e até secretárias, como Ana Luiza, que trabalha num escritório de advocacia, no edifício Brasília Rádio Center. Ela nega que more na Ceilândia, mas, no Setor P de Taguatinga (que, na realidade trata-se do Setor P da Ceilândia mesmo), dando, com

isso, uma idéia do que representa morar na cidade satélite que diariamente garante o noticiário policial dos jornais da Capital.

PROGRAMA CULTURAL

Erivaldo, Claudionor, Maurício Pingo e Vavá só retornarão à Ceilândia à noite, a partir das 22 horas, com uma boa parte dos passageiros. Ninguém vai almoçar em casa, pois o preço das passagens não permite se cultivar esse hábito. A ida e volta ao Plano Piloto custa 250 cruzeiros diariamente e 5 mil ao mês, o que é significativo para quem percebe salário mínimo e tem uma família numerosa. Para os engraxates, esse custo quase se equipara ao que conseguem levantar com o trabalho. Por isso surgem as tentações de "aprontar um gancho", como define Erivaldo: pequenos furtos que eventualmente praticam - espelhos de carro, por exemplo, têm comprador certo nos depósitos de sucata da Ceilândia, segundo confessam, lembrando também que às vezes se passam por "vigias" em estacionamentos públicos, o que depende da programação cultural ou do movimento dos bares da cidade.

Quando há um filme concorrido, eles estarão nas proximidades do cinema, oferecendo seus serviços. Quando se trata de uma peça, fazem na área de estacionamento do Teatro Nacional sua praça. Quando não surgem essas alternativas, arriscam nas proximidades de um bar nas entrequadras comerciais. Se o proprietário do automóvel "é legal", e concorda em deixar seu automóvel sob a proteção de um dos membros do grupo, tudo bem. Se não, sofrerá um pequeno dano como advertência - um risco a ponta de prego na lateral ou no capô, estragando a pintura, um farol quebrado, uma antena destruída ou um pneu esvaziado são as represálias mais comuns.